

# **FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

## **ROTEIRO DE ATIVIDADES**

9º ANO

2º BIMESTRE

**AUTORIA**

**ANTONIO RAMIRO DE MATTOS**

**Rio de Janeiro**

**2013**

## TEXTO GERADOR I

O primeiro texto gerador é um conto de um grande autor modernista de nossa literatura: Mário de Andrade. O texto leva à reflexão de como um capricho de um patrão não leva em consideração a preocupação com seus empregados.

### O POÇO

*Joaquim Prestes era um rico fazendeiro já endurecido pelos seus setenta e cinco anos. Era caprichosíssimo em tudo o que fazia. Na região onde vivia, fora o introdutor do automóvel, o primeiro a criar abelhas e o primeiro a adquirir terrenos para obter pesqueiros. A falta de água na casa de seu pesqueiro fez com que Joaquim decidisse abrir um poço.*

*Os camaradas da fazenda ficaram responsáveis por perfurá-lo, já que para ele não havia necessidade de contratar alguém para fazer o serviço. Porém, chuvas e um frio terrível impediram o andamento do trabalho. Joaquim, ao saber que o poço já minava água, resolveu acompanhar os primeiros resultados do trabalho. Ao olhar o poço, deixou cair sua caneta-tinteiro. As péssimas condições climáticas não impediram que Joaquim Prestes ordenasse aos trabalhadores que fizessem de tudo para retirar sua caneta de dentro do poço. Albino, mesmo com sérios problemas de saúde, era o que mais se subordinava à triste situação. O vento soprava forte, era um 'vai e vem' de caçambas com água, um frio terrível dentro do poço. Albino já esmorecendo, os operários indignados, a situação tornou-se insustentável. Joaquim decidiu que chamaria alguém para terminar o trabalho no outro dia. Todos ficaram aliviados.*

*Dois dias depois, chegou o embrulho com a caneta à casa de Joaquim. A caneta estava cheia de areia e arranhada. Joaquim reclamou e abriu a gaveta que guardava lapiseiras e três canetas-tinteiro.*

## ATIVIDADE DE LEITURA

### QUESTÃO 1

Os contos normalmente levantam discussões sobre conflitos humanos, fazendo um convite à reflexão humana. Esse gênero é de grande importância para literatura nacional, pois mostra aspectos do Brasil em épocas diferentes. Releia o texto e responda:

- a) Qual é o foco narrativo (1ª pessoa ou 3ª pessoa) em que a história é apresentada? Justifique.
- b) Qual a importância da caracterização do espaço nesse conto?
- c) Como podemos classificar o tempo? Cronológico ou psicológico? Justifique.
- d) Qual é o personagem sobre o qual gira o conto? Como podemos caracterizá-lo?
- e) Qual é o Enredo do texto?

### Habilidade trabalhada

*Identificar o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagem e conflito.*

### Resposta comentada

Com esse texto os discentes poderão ver como está sua percepção de identificar os elementos da narração. Desta forma, poderíamos ter como resposta aproximada:

- a) Foco narrativo: O narrador se encontra na 3ª e é onisciente por além de características físicas, conhece também aspectos psicológicos das personagens principais. O narrador tem máxima importância no texto, pois é ele que nos conta os fatos, e nos leva a uma viagem introspectiva para dentro das personagens.
- b) Espaço: A história acontece em um local aberto, pois a problemática se concentra em torno de um poço, que está localizado perto de uma casa de pescador, ao lado de um

rio. O espaço tem uma função muito importante no texto, pois é a razão de todos os problemas que ocorrem durante a história.

- c) Tempo: Cronológico. Todo o enredo começa quando Joaquim Preste chega de viagem, e decide que é necessário cavar um poço, sendo que no mesmo dia ele acaba deixando que sua caneta tinteira caísse dentro. É então que alguns dias se passam até que Albino resgate a caneta novamente.
- d) Personagem central: Joaquim Prestes é um senhor de 75 anos de idade, fazendeiro, e rico desde que nasceu, inventor de modas, muito viajado e também muito impassível e tirano. Joaquim se mostra muito mimado após este acontecimento, pois ele ordena que seus funcionários da fazenda escavem e encontrem sua caneta em um clima de frio de junho e umidade altíssima devido ao rio, colocando os trabalhadores ao risco de desabamento.
- e) Enredo: Tudo acontece em um pequeno pesqueiro, onde seu dono Joaquim Prestes está preocupado com a construção de um poço ao lado de sua casa recém-construída. Durante uma vistoria do trabalho de seus capatazes na construção do poço, Joaquim deixa cair sua caneta tinteira lá dentro. Então começa uma confusão, pois Joaquim de forma tirana ordena que seus empregados resgatem sua caneta, antes que ela afunde. Eles são expostos a condições de trabalho precárias, em um clima frio e completamente úmido, correndo o risco de desabamento do poço. Por fim quando a caneta é encontrada, percebe-se que ele possuía outras.

## QUESTÃO 2

Um bom texto não precisa necessariamente só ter início, meio e fim, sem que haja um elemento básico estruturador da narrativa, algo que gere tensão e prenda a atenção do leitor. Percebemos isso ao analisar as diversas partes que compõem o enredo: apresentação, situação inicial ou exposição; complicação; clímax e desfecho ou conclusão. Releia o conto “*O Poço*” e identifique tais elementos.

## Habilidade trabalhada

*Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.*

## Resposta comentada

Uma vez que os discentes resolverão a *questão nº 1*, ficará mais fácil fazer a análise do *enredo*, até porque, já o identificou. Lembrando-se de suas respostas do item anterior, poderão chegar a conclusão que:

**Apresentação:** A necessidade de Joaquim Prestes construir um poço e ordenar que seus funcionários o fizessem.

**Complicação:** Quando vais vistoriar os serviços sua caneta-tinteiro cai no poço.

**Clímax:** Por esse capricho alguns funcionários correm risco de morrer.

**Desfecho:** Depois de uns dias a caneta é encontrada, e ficamos sabendo que ele possui outras canetas.

## TEXTO GERADOR II

*“Contos Indígenas Brasileiros nos mostra que a palavra cria, enfeitiça, embriaga, gera monstros, faz heróis, remete-nos para nossa própria memória ancestral e dá sentido ao nosso estar no mundo.” (Daniel Munduruku).*

A seguir um texto que fala como foi que o povo indígena e outros animais tiveram a posse do fogo.

## O ROUBO DO FOGO

Povo Guarani (Mito Guarani)

*Em tempos antigos os Guaranis não sabiam acender fogo. Na verdade eles apenas sabiam que existia o fogo, mas comiam alimentos crus, pois o fogo estava em poder dos urubus.*

*O fogo estava com estas aves porque foram elas que primeiro descobriram um jeito de se apossar das brasas da grande fogueira do sol. Numa ocasião, quando o sol estava bem fraquinho e o dia não estava muito claro, os urubus foram até lá e retiraram algumas brasas as quais tomavam conta com muito cuidado e zelo. Era por isso que somente estas aves comiam seu alimento assado ou cozido e nenhum outro da floresta tinha este privilégio.*

*É claro que todos os urubus tomavam conta das brasas como se fosse um tesouro precioso e não permitiam que ninguém delas se aproximasse. Os homens e os outros animais viviam irritados com isso. Todos queriam roubar o fogo dos urubus, mas ninguém se atrevia a desafiá-los.*

*Um dia, o grande herói Apocóíva retornou de uma longa viagem que fizera. Seu nome era Nhanderequeí, Guerreiro respeitado por todo o povo, decidiu que iria roubar o fogo dos urubus. Reuniu todos os animais, aves e homens da floresta e contou o plano que tinha para enfrentar os temidos urubus, guardiões do fogo. Até mesmo o pequeno curucu, que fora convidado, compareceu dizendo que também tinha muito interesse no fogo.*

*Todos já reunidos, Nhanderequeí expos seu plano:*

*- Todos vocês sabem que os urubus usam fogo para cozinhar. Eles não sabem comer alimento cru. Por isso vou me fingir de morto bem debaixo do ninho deles. Todos vocês devem ficar escondidos e quando eu der uma ordem, avancem para cima deles e os espantem daqui. Dessa forma, poderemos pegar o fogo para nós.*

*Todos concordaram e procuraram um lugar para se esconder. Não sabiam por quanto tempo iriam esperar. Nhanderequeí deitou-se. Permaneceu imóvel por um dia inteiro.*

*Os urubus, lá do alto, observaram com desconfiança. Será que aquele homem estava morto mesmo ou estava apenas querendo enganá-los? Por via das dúvidas preferiram aguardar mais um pouco.*

*O herói permaneceu o segundo dia do mesmo jeito. Sequer respirava direito para não criar desconfianças nos urubus que continuavam rodeando seu corpo. Foi no fim do terceiro*

*dia, no entanto, que as aves baixaram as guardas. Ficavam imaginando que não era possível uma pessoa fingir-se de morta por tanto tempo. Ficavam confabulando entre si:*

*- Olhem, meus parentes urubus - dizia o chefe urubu - nenhum homem pode fingir-se de morto assim. Já decidi: vamos comê-lo. Podem trazer as brasas para fazermos a fogueira.*

*Um grande alarido se ouviu. Os urubus aprovaram a decisão de seu chefe, e por isso imediatamente partiram para buscar as brasas. Trouxeram e acenderam uma fogueira bonita e vistosa.*

*O chefe dos urubus ordenou, então, que trouxessem a comida para ser assada. Um verdadeiro batalhão foi até a presa e a trouxe em seus bicos e garras. Eles acharam o corpo do herói um pouco pesado, mas isso consideraram bom, assim daria para todos os urubus.*

*Eles colocaram Nhanderequeí sobre o fogo, mas graças a uma resina que ele passou pelo corpo, o fogo não o queimava. Num certo momento, o herói se levantou do meio das brasas dando um grande susto nos urubus, que atônitos, voaram todos. Nhanderequeí aproveitou-se da surpresa e gritou a todos os amigos que estavam escondidos para que atacassem os urubus e salvassem alguma daquelas brasas ardentes.*

*Os urubus, vendo que se tratava de uma armadilha, se esforçaram o máximo que puderam para apagar as brasas, engoli-las e não permitirem que aqueles seres tomassem posse delas. Foi uma correria geral. Acontece, no entanto, que na pressa de salvar o fogo, quase todas as brasas se apagaram por terem sido pisoteadas.*

*Quando tudo se acalmou, Nhanderequeí chamou a todos e perguntou quantas brasas haviam conseguido. Uns olhavam para os outros na tentativa de saber quem havia salvo alguma brasinha, mas qual foi a tristeza geral ao se depararem com a realidade: ninguém havia salvado uma pedrinha sequer.*

*- Só temos carvão e cinzas - disse alguém no meio da multidão.*

*- E para que nos há de servir isso? - falou Nhanderequeí.*

*- Nossa batalha contra os urubus de nada valeu!*

*Acontece que, por trás de todos, saiu o pequeno curucu, dizendo:*

*- Durante a luta os urubus se preocuparam apenas com os animais grandes e não notaram que eu peguei uma brasinha e coloquei na minha boca. Espero que ainda esteja acesa. Mas pode ser que...*

*- Depressa. Pare de falar, meu caro curucu. Não podemos perder tempo. Dê-me esta brasa imediatamente - disse Nhanderequeí, tomando a brasa em suas mãos e assoprando levemente.*

*Todos os animais ficaram atentos às ações do herói que tratava com muito cuidado aquele pequeno luzeiro. Pegou-o na mão e colocou um pouquinho de palha e assoprou novamente. Com isso ele conseguiu um pequeno riozinho de fumaça. Isso foi o bastante para incomodar os animais, que logo disseram:*

*- Se o fogo sempre faz fumaça, não será bom para nós. Nós não suportamos fumaça.*

*Dizendo isso, os bichos foram embora, deixando o fogo com os homens e com as aves.*

*Nhanderequeí soprou de novo. Ele fazia com todo cuidado, com todo jeito. Logo em seguida à fumaça, aconteceu um cheiro de queimado. Isso foi o bastante para que as aves se incomodassem e dissessem:*

*- Nós não gostamos desse cheiro que sai do fogo. Isso não é bom para as aves. Fiquem vocês com este fogo.*

*Dizendo isso, Nhanderequeí soprou ainda mais forte e, finalmente, as chamas apareceram no meio da palha e do carvão que sustentaram o fogo aceso para sempre.*

*Percebendo que tudo estava sob controle, o herói ordenou que seus parentes encontrassem madeiras canelinha, criciúma, cacho de coqueiro e cipó-de-sapo e as usassem sempre toda vez que quisessem acender e conservar o fogo. Além disso, o corajoso herói ensinou os Apopocíva a fazer um pilãozinho onde guardar as brasas e assim conservar o fogo para sempre.*



*Dizem os velhos desse povo que até os dias de hoje os Apopocíva guardam o pilãozinho e aquelas madeiras.*

*Munduruk, Daniel. Contos Indígenas Brasileiros / Daniel Munduruku; ilustrações Rogério Borges. - 2. ed. - São Paulo: Global, 2005.*

### QUESTÃO 3

Já sabemos que as Figuras de Linguagens são recursos expressivos para deixar o nosso texto mais expressivo. No trecho abaixo, assinale o recurso utilizado para causar mais expressão no parágrafo.

É claro que todos os urubus tomavam conta das brasas como se fosse um tesouro precioso e não permitiam que ninguém delas se aproximasse. Os homens e os outros animais viviam irritados com isso. Todos queriam roubar o fogo dos urubus, mas ninguém se atrevia a desafiá-los.

- a) Metáfora
- b) Comparação
- c) Hipérbole
- d) Antítese
- e) Personificação

### Habilidade trabalhada

*Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.*

### Resposta comentada

Como uma questão de fixação desse conteúdo, o objetivo é enfatizar para o aluno a diferença básica que reside entre *metáfora* e *comparação*. No primeiro período percebemos

que há uma *Comparação* clara entre *brasas* a *um tesouro precioso*, por isso que os urubus tanto as guardavam. Deste modo, pode-se mostrar ao discente que a palavra *como* deixa bem clara a *Comparação*.

#### QUESTÃO 4

O discurso direto é a reprodução textual da fala das personagens, e o discurso indireto, há incorporação da fala das personagens à linguagem do narrador. Assim, analise o trecho abaixo:

Percebendo que tudo estava sob controle, o herói ordenou que seus parentes encontrassem madeiras canelinha, criciúma, cacho de coqueiro e cipó-de-sapo e as usassem sempre toda vez que quisessem acender e conservar o fogo.

Sabendo que o trecho acima está na forma de discurso direto, transforme-o em discurso indireto.

#### Habilidade trabalhada

*Identifica o uso do discurso direto e indireto.*

#### Resposta comentada

Normalmente as questões envolvendo discurso direto e discurso indireto solicita-se que um trecho que está na forma direta seja passada para a indireta. Aqui, o discente será convidado a realizar a tarefa diferente do usual, ou seja, passar da forma indireta para a direta. Uma possibilidade seria:

Percebendo que tudo estava sob controle, o herói ordenou a seus parentes: “*Encontrem madeiras canelinha, criciúma, cacho de coqueiro e cipó-de-sapo e as usem sempre toda vez que quiserem acender e conservar o fogo*”.